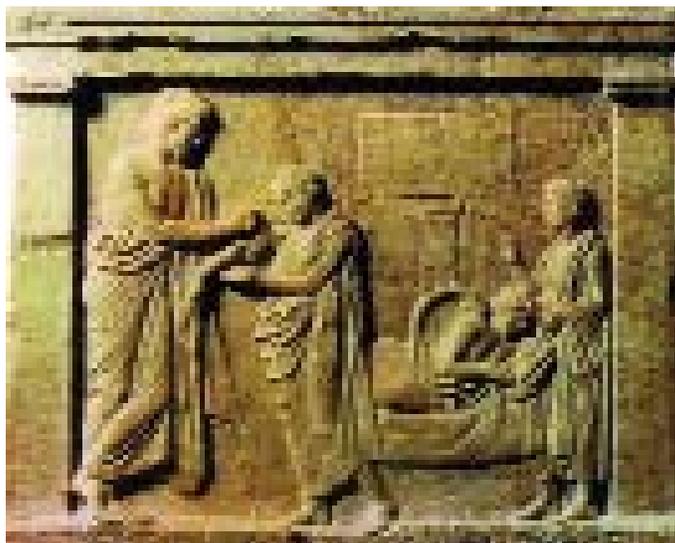


Atualidades

Marco Segre



Asclépio cura os doentes. Relieve de Aquino. Museu Nacional, Atenas.

Esta Secção contará com resumos de artigos sobre Bioética recentemente publicados (com ou sem comentário editorial), bem como resenhas e pareceres, além da narrativa de situações questionáveis, singulares e até mesmo humorísticas, sob o enfoque ético. Igualmente, serão noticiados cursos, seminários, simpósios e congressos, realizados no Brasil e no mundo, concernentes à Bioética

Resumo do relatório apresentado pelo dr. Marco Segre no "Encontro Luso-Brasileiro de Bioética", realizado em Lisboa, no dia 22/6/01, sobre o tema "Transplantação de células ou tecidos embrionários e fetais"

O Autor traz uma discussão ética sobre a validade da utilização de células e tecidos embrionários no tratamento de doenças de terceiros. Em síntese, questiona se a prática da transplantação de tecidos embrionários pode ser aceita eticamente, mesmo destruindo-se uma vida (a do embrião), quando vise à melhoria da saúde de pessoas.

Essa discussão é introduzida pela demonstração do pensamento do Autor, no tocante à aleatoriedade e pragmatismo da fixação de "momentos de início e de fim da vida". Lembra que o fato da aceitação da morte encefálica como indicativo de morte se deu, essencialmente, em face da necessidade de se retirarem órgãos vitais, ainda viáveis, para fins de transplantes. Menciona que a vida é um *continuum*, cujo início e fim cada sociedade estabelece de acordo com seus próprios parâmetros. Com relação ao início da vida, refere que as ciências biomédicas podem apenas afirmar que na fecundação (encontro dos gametas) há uma mistura de DNAs, podendo esse instante ser, ou não, considerado início da vida.

Com base nessa relativização o Autor tece considerações sobre a idéia de autonomia na reflexão ética, destacando a enorme importância, sob esse aspecto, da filosofia kantiana, levando ainda em conta as contribuições de Nietzsche, questionando Kant; procura, por sua vez, plantar o modelo de uma Ética em que se não considere apenas a racionalidade, mas na qual se busquem, sempre, para fins de reflexão, as motivações afetivas (incluindo crenças em geral) para a compreensão das diferentes posturas éticas. Apenas com essa percepção, para a qual a experiência psicanalítica pode contribuir eficazmente, existirá uma reflexão mais integrada e a possibilidade de diálogo (e até mesmo de entendimento) com pessoas que pensem e sintam diferentemente.

Sob esse enfoque, o Autor ensaia uma delimitação ética dos avanços científicos e tecnológicos, tão dissociada quanto possível de dogmas, tabus e sentimentos morais que não mais se ajustem à realidade do momento. Enfatiza a

necessidade de se estabelecerem, continuamente, hierarquias de valores onde a dignidade humana, a vida, a garantia de respeito à subjetividade e à diferença, bem como a priorização, em certas circunstâncias, do coletivo sobre o individual, sejam sempre o nosso norte.

Feitas essas considerações, o Autor volta a discutir o *status* de embriões, especificamente daqueles "construídos" em proveta, ainda mais se o objetivo visado é o de produzir medicamentos, podendo os mesmos serem replicados segundo as necessidades experimentais. Na conclusão, o Autor nos coloca frente a um dilema: ou alteramos nossos padrões morais, revendo as hierarquias de valores, alterando inclusive concepções arraigadas quanto ao momento de início da vida, ou interrompemos todas as pesquisas com reprodução assistida e clonagem de seres humanos, uma vez que a inutilização desses organismos como "projetos de pessoas" torna-se freqüentemente indispensável.

**Bioethics and human rights:
a historical perspective**

Robert Baker – CQ

Volume 10 – Number 3 – Summer 2001

Trabalho de extraordinária percepção analítica da "Bioética estadunidense", contraposta à de outros países. É um estudo realmente construtivo, pois ao mesmo tempo que sinaliza as diferenças busca o denominador comum entre as "bioéticas", que seria o respeito aos direitos humanos.

O Autor historia a renovada ênfase atribuída aos direitos humanos a partir da segunda metade do século XX – Declaração da ONU sobre Direitos Humanos, de 1948. Destaca o desafio da Bioética em face do avanço da técnico-biociência e a necessidade de "reconciliação" (as aspas são nossas) entre a Bioética e os direitos humanos.

Ressalta, nesse trabalho, as diferenças apontadas por Baker – por exemplo, na visão autonomista, calcada nos princípios construídos por Beauchamp e Childress (dos EUA) – com relação ao enfoque voltado para a solidariedade e respeito à autonomia da família, dos europeus.

O Autor observa a postura "legalista", baseada no princípio de justiça das políticas de saúde dos EUA, na qual não se reconhecem distinções entre as obrigações do Estado com relação a alguns grupos da população (p.ex. crianças, idosos, menos favorecidos, etc.), em contraposição ao ideal de solidariedade, emanado da Revolução Francesa. Segundo John Rawls, a visão americana admite, no máximo, a existência de um princípio de fraternidade.

O conceito europeu de solidariedade, diz o Autor, fundamenta-se em três elementos: obrigação do grupo, reciprocidade

dade e sentimento social – o que não pode ser reduzido simplesmente ao conceito de justiça.

Ainda pontuando as diferenças entre a Bioética dos EUA e, agora, a dos países asiáticos, louvando-se em Ruiping Fan, da China, menciona, para esses povos, o seguinte princípio: "cada agente deve estar capacitado para tomar suas decisões ou realizar harmoniosamente em cooperação com outras pessoas relevantes".

Ao final do artigo, manifesta sua esperança de ser, o respeito aos direitos humanos, o denominador comum dos diferentes enfoques bioéticos, acima das características culturais e do "paroquialismo" de algumas nações.

Este artigo foi por nós trazido para a *Seção Atualidades* por apontar, com grande precisão, para a diferença entre uma "bioética que vem de dentro", que apela para o humanitarismo, que valoriza o conteúdo afetivo de todo posicionamento ético, com relação à "bioética que vem de fora", isto é, absolutamente legalista, que procura a "frieza" (impossível) da exclusão dos sentimentos, de toda decisão.

Mesmo que os objetivos visados por uns e outros possam ser basicamente os mesmos, sentimo-nos mais sintonizados com o enfoque solidário (e não solidário), porque "é assim que nós sentimos".